

**MINISTÉRIO DA CULTURA**  
**Fundação Biblioteca Nacional**  
*Departamento Nacional do Livro*

**POEMAS**

*Manuel Botelho*

À ILHA DE MARÉ TERMO DESTA CIDADE DA BAHIA SILVA

Jaz oblíqua forma, e prolongada  
A terra de Maré toda cercada  
De Netuno, que tendo o amor constante,  
Lhe dá muitos abraços por amante,  
E botando-lhe os braços dentro dela  
A pretende gozar, por ser mui bela.  
Nesta assistência tanto a senhoreia,  
E tanto a galanteia,  
Que do mar de Maré tem o apelido,  
Como quem preza o amor de seu querido:  
E por gosto das prendas amorosas  
Fica maré de rosas,  
E vivendo nas ânsias sucessivas,  
São do amor marés vivas;  
E se nas mortas menos a conhece,  
Maré de saudades lhe parece.  
Vista por fora é pouco apetecida,  
Porque aos olhos por feia é parecida;  
Porém dentro habitada  
É muito bela, muito desejada,  
É como a concha tosca, e deslustrosa,  
Que dentro cria a pérola fermosa.  
Erguem-se nela outeiros  
Com soberbas de montes altaneiros,  
Que os vales por humildes desprezando,  
As presunções do Mundo estão mostrando,  
E querendo ser príncipes subidos,  
Ficam os vales a seus pés rendidos.  
Por um, e outro lado  
Vários lenhos se vêm no mar salgado;  
Uns vão buscando da Cidade a via,  
Outros dela se vão com alegria;  
E na desigual ordem

Consiste a fermosura na desordem.  
Os pobres pescadores em saveiros,  
Em canoas ligeiros,  
Fazem com tanto abalo  
Do trabalho marítimo regalo;  
Uns as redes estendem,  
E vários peixes por pequenos prendem;  
Que até nos peixes com verdade pura  
Ser pequeno no Mundo é desventura:  
Outros no anzol fiados  
Têm aos míseros peixes enganados,  
Que sempre da vil isca cobiçosos  
Perdem a própria vida por gulosos.  
Aqui se cria o peixe regalado  
Com tal sustância, e gosto preparado,  
Que sem tempero algum para apetite  
Faz gostoso convite,  
E se pode dizer em graça rara  
Que a mesma natureza os temperara.  
Não falta aqui marisco saboroso,  
Para tirar fastio ao melindroso;  
Os polvos radiantes,  
Os lagostins flamantes,  
Camarões excelentes,  
Que são dos lagostins pobres parentes;  
Retrógrados cranguejos,  
Que formam pés das bocas com festejos,  
Ostras, que alimentadas  
Estão nas pedras, onde são geradas;  
Enfim tanto marisco, em que não falo,  
Que é vário perrexil para o regalo.  
As plantas sempre nela reverdecem,  
E nas folhas parecem,  
Desterrando do Inverno os desfavores,  
Esmeraldas de Abril em seus verdores,  
E delas por adorno apetecido  
Faz a divina Flora seu vestido.  
As frutas se produzem copiosas,  
E são tão deleitosas,  
Que como junto ao mar o sítio é posto,  
Lhes dá salgado o mar o sal do gosto.  
As canas fertilmente se produzem,  
E a tão breve discurso se reduzem,  
Que porque crescem muito,  
Em doze meses lhe sazona o fruto,  
E não quer, quando o fruto se deseja,  
Que sendo velha a cana, fértil seja.

As laranjas da terra  
Poucas azedas são, antes se encerra  
Tal doce nestes pomos,  
Que o tem clarificado nos seus gomos;  
Mas as de Portugal entre alamedas  
São primas dos limões, todas azedas.  
Nas que chamam da China  
Grande sabor se afina,  
Mais que as da Europa doces, e melhores,  
E têm sempre a vantagem de maiores,  
E nesta maioria,  
Como maiores são, têm mais valia.  
Os limões não se prezam,  
Antes por serem muitos se desprezam.  
Ah se Holanda os gozara!  
Por nenhuma província se trocara.  
As cidras amarelas  
Caindo estão de belas,  
E como são inchadas, presumidas,  
É bem que estejam pelo chão caídas:  
As uvas moscatéis são tão gostosas,  
Tão raras, tão mimosas;  
Que se Lisboa as vira, imaginara  
Que alguém dos seus pomares as furtara;  
    Delas a produção por copiosa  
Parece milagrosa,  
Porque dando em um ano duas vezes,  
Geram dois partos, sempre, em doze meses.  
Os melões celebrados  
Aqui tão docemente são gerados,  
Que cada qual tanto sabor alenta,  
Que são feitos de açúcar, e pimenta,  
E como sabem bem com mil agrados,  
Bem se pode dizer que são letrados;  
Não falo em Valariça, nem Chamusca:  
Porque todos ofusca  
O gosto destes, que esta terra abona  
Como próprias delícias de Pomona.  
As melancias com igual bondade  
São de tal qualidade,  
Que quando docemente nos recreia,  
É cada melancia uma colmeia,  
E às que tem Portugal lhe dão de rosto  
Por insulsas abóboras no gosto.  
Aqui não faltam figos,  
E os solicitam pássaros amigos,  
Apetitosos de sua doce usura,

Porque cria apetites a doçura;  
E quando acaso os matam  
Porque os figos maltratam,  
Parecem mariposas, que embebidas  
Na chama alegre, vão perdendo as vidas.  
As romãs rubicundas quando abertas  
À vista agrados são à língua ofertas,  
São tesouro das frutas entre afagos,  
Pois são rubis suaves os seus bagos.  
As frutas quase todas nomeadas  
São ao Brasil de Europa trasladadas,  
Porque tenha o Brasil por mais façanhas  
Além das próprias frutas, as estranhas.  
E tratando das próprias, os coqueiros,  
Galhardos, e frondosos  
Criam cocos gostosos;  
E andou tão liberal a natureza  
Que lhes deu por grandeza,  
Não só para bebida, mas sustento,  
O néctar doce, o cândido alimento.  
De várias cores são os cajus belos,  
Uns são vermelhos, outros amarelos,  
E como vários são nas várias cores,  
Também se mostram vários nos sabores;  
E criam a castanha,  
Que é melhor, que a de França, Itália, Espanha.  
As pitangas fecundas  
São na cor rubicundas,  
E no gosto picante comparadas  
São de América ginjas disfarçadas:  
As pitombas douradas, se as desejas,  
São no gosto melhor do que as cerejas,  
E para terem o primor inteiro  
A ventagem lhes levam pelo cheiro.  
Os araçazes grandes, ou pequenos,  
Que na terra se criam mais ou menos,  
Como as pêras de Europa engrandecidas,  
Com elas variamente parecidas,  
Também se fazem delas  
De várias castas marmeladas belas.  
As bananas no Mundo conhecidas  
Por fruto, e mantimento apeteçadas,  
Que o céu para regalo, e passatempo  
Liberal as concede em todo o tempo,  
Competem com maçãs, ou baonesas,  
Com pêros verdeais ou camoesas,  
Também servem de pão aos moradores,

Se da farinha faltam os favores;  
É conduto também que dá sustento,  
Como se fosse próprio mantimento;  
De sorte que por graça, ou por tributo  
É fruto, é como pão, serve em conduto.  
A pimenta elegante  
É tanta, tão diversa, e tão picante,  
Para todo o tempero acomodada,  
Que é muito avantajada  
Por fresca, e por sadia  
À que na Ásia se gera, Europa cria:  
O mamão por freqüente  
Se cria vulgarmente,  
E não o preza o Mundo,  
Porque é muito vulgar em ser fecundo.  
O maracujá também gostoso, e frio  
Entre as frutas merece nome, e brio;  
Tem nas pevides mais gostoso agrado,  
Do que açúcar rosado;  
É belo, cordial, e como é mole,  
Qual suave manjar todo se engole.  
Vereis os ananases,  
Que para rei das frutas são capazes;  
Vestem-se de escarlata  
Com majestade grata,  
Que para ter do Império a gravidade  
Logram da croa verde a majestade;  
Mas quando têm a croa levantada  
De picantes espinhos adornada,  
Nos mostram que entre Reis, entre Rainhas  
Não há croa no Mundo sem espinhas.  
Este pomo celebra toda a gente,  
É muito mais que o pêssego excelente,  
Pois lhe leva vantagem gracioso  
Por maior, por mais doce, e mais cheiroso.  
Além das frutas, que esta terra cria,  
Também não faltam outras na Bahia;  
A mangaba mimosa  
Salpicada de tintas por fermosa,  
Tem o cheiro famoso,  
Como se fora almíscar oloroso;  
Produz-se no mato  
Sem querer da cultura o duro trato,  
Que como em si toda a bondade apura,  
Não quer dever aos homens a cultura.  
Oh que galharda fruta, e soberana  
Sem ter indústria humana,

E se Jove as tirara dos pomares,  
Por ambrósia as pusera entre os manjares!  
Com a mangaba bela a semelhança  
Do macujé se alcança,  
Que também se produz no mato inculto  
Por soberano indulto,  
E sem fazer ao mel injusto agravo,  
Na boca se desfaz qual doce favo.  
Outras frutas dissera, porém basta  
Das que tenho descrito a vária casta,  
E vamos aos legumes, que plantados  
São do Brasil sustentos duplicados:  
Os mangarás que brancos, ou vermelhos,  
São da abundância espelhos;  
Os cândidos inhames, se não minto,  
Podem tirar a fome ao mais faminto.  
As batatas, que assadas, ou cozidas  
São muito apetecidas;  
Delas se faz a rica batatada  
Das Bélgicas nações solicitada.  
Os carás, que de roxo estão vestidos,  
São lírios dos legumes parecidos,  
Dentro são alvos, cuja cor honesta  
Se quis cobrir de roxo por modesta.  
A mandioca, que Tomé sagrado  
Deu ao gentio amado,  
Tem nas raízes a farinha oculta:  
Que sempre o que é feliz, se dificulta.  
E parece que a terra de amorosa  
Se abraça com seu fruto deleitosa;  
Dela se faz com tanta atividade  
A farinha, que em fácil brevidade  
No mesmo dia sem trabalho muito  
Se arranca, se desfaz, se coze o fruto;  
Dela se faz também com mais cuidado  
O beiju regalado,  
Que feito tenro por curioso amigo  
Grande vantagem leva ao pão de trigo.  
Os aipins se aparentam  
Coa mandioca, e tal favor alentam,  
Que tem qualquer, cozido, ou seja assado,  
Das castanhas da Europa o mesmo agrado.  
O milho, que se planta sem fadigas,  
Todo o ano nos dá fáceis espigas,  
E é tão fecundo em um, e em outro filho,  
Que são mãos liberais as mãos de milho.  
O arroz semeado

Fertilmente se vê multiplicado;  
Cale-se de Valença por estranha  
O que tributa a Espanha,  
Cale-se do Oriente  
O que come o gentio, e a lísia gente;  
Que o do Brasil quando se vê cozido  
Como tem mais substância, é mais crescido.  
Tenho explicado as frutas, e legumes,  
Que dão a Portugal muitos ciúmes;  
Tenho recopilado  
O que o Brasil contém para invejado,  
E para preferir a toda a terra,  
Em si perfeitos quatro AA encerra.  
Tem o primeiro A, nos arvoredos  
Sempre verdes aos olhos, sempre ledos;  
Tem o segundo A, nos ares puros,  
Na tempérie agradáveis, e seguros;  
Tem o terceiro A nas águas frias,  
Que refrescam o peito, e são sadias,  
O quatro A, no açúcar deleitoso,  
Que é do Mundo o regalo mais mimoso.  
São pois os quatro AA por singulares  
Arvoredos, Açúcar, Águas, Ares.  
Nesta ilha está mui ledó, e mui vistoso  
Um Engenho famoso,  
Que quando quis o fado antigamente  
Era Rei dos engenhos preminente,  
E quando Holanda pérfida, e nociva  
O queimou, renasceu qual Fênix viva.  
Aqui se fabricaram três capelas  
Ditosamente belas,  
Uma se esmera em fortaleza tanta,  
Que de abóbada forte se levanta;  
Da Senhora das Neves se apelida,  
Renovando a piedade esclarecida,  
Quando em devoto sonho se viu posto  
O nevado candor no mês de agosto.  
Outra capela vemos fabricada,  
A Xavier ilustre dedicada,  
Que o Maldonado Pároco entendido  
Este edifício fez agradecido  
A Xavier, que foi em sacro alento  
Glória da Igreja, do Japão portento.  
Outra capela aqui se reconhece,  
Cujo nome a engrandece,  
Pois se dedica à Conceição sagrada  
Da Virgem pura sempre imaculada,

Que foi por singular, e mais fermosa  
Sem manchas lua, sem espinhos rosa.  
Esta Ilha de Maré, ou de alegria,  
Que é termo da Bahia,  
Tem quase tudo quanto o Brasil todo,  
Que de todo o Brasil é breve apodo;  
E se algum tempo Citeréia a achara,  
Por esta sua Chipre desprezara,  
Porém tem com Maria verdadeira  
Outra Vênus melhor por padroeira.